

Escolas de Fronteira: conhecer para integrar

Elizabeth Maria Azevedo Bilange
Lucilene Machado Garcia Arf

Neste número, utilizando-se das prerrogativas que a constituem, a Revista GeoPantanal abre importante espaço para a divulgação de artigos que discutem as possibilidades de construção da identidade fronteiriça por meio de ações interculturais nas Escolas de Fronteira. Mesmo como experiência incipiente, este primeiro Dossiê de Escolas de Fronteira torna-se MARCO para a divulgação de ações estabelecidas na tarefa de integrar indivíduos no espaço de fronteira. Os artigos tomam como base as ações do Programa Escolas Interculturais de Fronteira – PEIF e apresentam resultados de três anos consecutivos na formação de professores e pesquisas nas escolas das cidades de Corumbá e *Puerto Quijarro* e de ações que contribuiram na construção de uma realidade mais tolerante entre alunos e professores dessas escolas.

Para entender melhor a importância do programa, o PEIF, que integra o *Programa Mais Educação*, atua nas escolas beneficiadas, conforme docu-

mento que institui o Programa Escolas Interculturais de Fronteira. Expedido pelo Ministério da Educação, na portaria nº 798, de 19 de junho de 2012, o documento reconhece as fronteiras como local de diversidade cultural e estabelece que as escolas interculturais de fronteira devem promover os princípios da interculturalidade, a promoção da cultura da paz, o conhecimento recíproco e a convivência dos cidadãos dos países fronteiriços. Para tanto, as línguas oficiais do PEIF são: português, espanhol e guarani, além das línguas maternas de cada comunidade fronteiriça, incluindo-se a partir de 2014, as línguas inglesa e francesa.

Assim, o PEIF, desenvolvido nos espaços urbanos da fronteira Brasil/Bolívia, tem como objetivo principal a integração regional de seus habitantes por meio de uma educação intercultural que desenvolva atividades relacionadas à cultura, história e tradições comuns ao contexto, além de desenvolver discussões sobre diversidade étnica, memória,

identidade e pertencimento. Essas ações podem ser comprovadas nos artigos ESCOLAS DE FRONTEIRA: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO INTERCULTURAL DA IDENTIDADE FRONTEIRIÇA e no RELATO DE EXPERIÊNCIA NO PEIF: O TURISMO COMO RESGATE IDENTITÁRIO NA FRONTEIRA CORUMBÁ-PUERTO QUIJARRO, e perpassa todos os artigos.

Torna-se necessário mencionar que em 2004, a interculturalidade e o processo de ensino-aprendizagem nas escolas de fronteira passam a ser uma preocupação do Ministério da Educação (MEC) que iniciou nova abordagem para essas escolas com o Programa de Escolas Bilíngues de Fronteira (PEBF), entre Brasil e Argentina, por meio de um termo de cooperação assinado entre os dois países. À época, pela proximidade com autoridades políticas desses países vizinhos e do Uruguai, o programa consolidou-se na região Sul. Em 2010, o Programa, por encontrar dificuldade nas fronteiras em que se falavam mais de uma língua como as do Mato Grosso do Sul, transmuta-se para PEIF- Programa Escolas Interculturais de Fronteiras, afastando-se do aspecto linguístico e privilegiando o cultural. A incorporação da Bolívia no PEIF ocorre em 2012, pelo esforço conjunto do Curso de Letras do CPAN e da Secretaria de Educação da Prefeitura de Corumbá, firmado na possibilidade da Bolívia se inserir no grupo componente do MERCOSUL. A sequência histórica do PEIF em Mato Grosso do Sul é abordada no artigo EXPANSÃO DO PROGRAMA ESCOLAS INTERCULTURAL DE FRONTEIRA NO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL.

Ao Ministério da Educação, para contribuir com a melhoria das relações nas escolas de fronteira, agregam-se instituições como Secretaria de Educação Básica e da Assessoria Internacional do Gabinete do Ministro da Educação; representantes dos Ministérios da Educação dos Estados, parte dos associados do MERCOSUL que possuem áreas fronteiriças com o Brasil; Secretarias Estaduais e Municipais de Educação das Regiões de Fronteira; Conselho Nacional de Educação e os Conselhos Estaduais e Municipais de Educação das áreas de fronteira; Instituições de Ensino Superior participantes da Rede Nacional de Formação Continuada dos Profissionais do Magistério da Educação Básica Pública. Alertamos para a importância de conscientização dessas instituições para a importância deste Programa e de se lutar para a continuidade e fortalecimento deste Programa, mesmo sob a instabilidade econômica e política que perpassa o Brasil e o mundo, pois trata-se de ações responsáveis por ajudar a diminuir a tensão e a intolerância na vasta fronteira do país por um meio pouco usual para isso: a Educação.

Para dar cabo à demanda, o programa tem como base a metodologia de Projetos e Aprendizagem, oportunizando aos envolvidos conhecimentos de novas metodologias de aprendizagem. Para que isso ocorra, todos os que fazem parte

desse processo experimentem a cultura do “outro”, como pode ser comprovado em três artigos ESCOLAS DE FRONTEIRA: ESPAÇO DE CONSTRUÇÃO INTERCULTURAL DA IDENTIDADE FRONTEIRIÇA e ENCONTRO, INTEGRAÇÃO E CULTURA NAS ESCOLAS DA FRONTEIRA BRASIL-BOLÍVIA e ainda A ESCOLA INTEGRAL EM REGIÃO DE FRONTEIRA BRASIL (MS)-BOLÍVIA. Também a preocupação com a importância da formação do professor para agir no contexto de fronteira aparece no artigo O PERCURSO DE FORMAÇÃO DO PROFESSOR-LEITOR: MEMÓRIAS DE DOCENTES DE UMA ESCOLA DE FRONTEIRA. Esperamos que a leitura seja profícua e ofereça alguma contribuição na melhoria da educação fronteiriça.

A belíssima foto que ilustra a capa desta revista foi cedida gentilmente pela professora Beatriz Xavier Flandoli, que conseguiu registrar, em andanças por esta vasta região de fronteira enquanto pesquisadora do PEIF, a florada do ipê rosa (*Tabebuia heptaphylla*, também conhecido por ipê-roxo, ipê-preto, ipê-d’arco-roxo da família das *Bignoniaceae*) que, mesmo em clima de *secura extrema*, consegue resistir e florir com exuberância. Torna-se assim, o símbolo da resistência e pode ser comparada à resistência da Educação, que também floresce em situações adversas e áridas. A escolha da foto, entre tantas oferecidas pela professora, recaiu no fato desta apresentar a porteira e a cerca como fronteira marcada fisicamente para inibir a entrada do estranho, do “outro”, mas nem por isso, menos atrativa para ser transposta. Há, do outro lado, um caminho a ser trilhado. Caminho que leva ao desconhecido, que provoca sentimentos antagônicos, que oscilam entre o desejo de ir além e o medo do desconhecido, vontade de aventurar-se e o receio a impedir. Há um horizonte a ser atingido, sempre mais alto, como as montanhas da imagem. Para ir adiante, é preciso transpor, ultrapassar, romper limites, ir além, arriscar-se. São os mesmos sentimentos que devem ser enfrentados por todos aqueles que trabalham em e com Escolas de Fronteira, não importa de que país. Acrescem-se a estes sentimentos a perseverança, a seriedade e o entusiasmo sem os quais nenhuma Educação prospera.